

A PSICOLOGIA AMANHÃ

Antonio Rodrigues Soares
 Professor Adjunto da Cadeira
 de Psicologia do Desenvolvi-
 mento da Faculdade de Filoso-
 fia e Ciências Humanas - UFBA

RESUMO

Este trabalho foi matéria da conferência de encerramento das comemorações brasileiras do PRIMEIRO CENTENÁRIO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA, promovidas pelo Conselho Federal de Psicologia, em Brasília.

O autor, que é membro efetivo do Conselho Federal, após traçar os limites dentro dos quais a ciência se desenvolve, com suas pretensões e achados, faz um estudo sucinto da evolução da Psicologia como Ciência, ressaltando o valor e a importância de WILHELM WUNDT, fundador da Psicologia.

- * Conferência de encerramento das comemorações do Centenário de Psicologia Científica, promovidas pelo Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 19 de dezembro de 1979.

Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

gia Experimental. Discorre, a seguir, sobre o caminho palmilhado por esta ciência, na busca de sua independência, salientando as dificuldades quase insuperáveis que tem encontrado, até os nossos dias, para caracterizar sua verdadeira autonomia, diante do modelo de dependência das Ciências Naturais, a que aderiu, desde os seus primórdios.

Às sérias críticas feitas pelo autor ao paradigma escolhido pela Psicologia, na tentativa de assumir fóros de ciência autônoma, somam-se os avanços e a evolução da Psicologia, em sua inegável estruturação sólida, como Profissão.

Como Ciência e como Profissão, a Psicologia recebe do autor um amplo quadro de perspectivas e possibilidades, em seu desenvolvimento amanhã, consideradas as transformações técnico-científicas e sócio-culturais por que passa a nossa sociedade.

1 - INTRODUÇÃO

O estudo científico da realidade evidencia, hoje, mais que em qualquer outro momento da pesquisa e da reflexão, quanto é difícil, senão impossível ou futurível, fazer ciência pura.

Se abrimos as páginas recentes ou empoeiradas da História das Ciências e do Conhecimento, deparamo-nos, a cada passo, com o desafio imposto pela necessidade da certeza de sabermos QUE buscamos, COMO o fazemos, PORQUE o tentamos, no esforço de desvendar, constatar, entender e delimitar as fronteiras do significado daquilo a que chamamos de CIÊNCIA, marco miliário da nossa direção e das nossas certezas.

A diferença de uns poucos campos do conhecimento humano, cuja ambição se estende até onde chegam os seus pressupostos, a maioria das ciências, nos nossos dias, tem raízes tão profundas, deitadas na am

plitude do saber, e uma vastidão relacional tão ampla com as demais, básicas ou auxiliares, que não se torna praticável uma perfeita identificação dos seus limites. Isto explica porque, com frequência, se devassam as divisas indefesas de muitas ciências, quando se estudam os objetos formais de outras. Isto mostra porque se criam verdadeiros estados de beligerância entre os defensores dos vários setores científicos, acostumados a identificar, rigidamente, suas linhas de demarcação, como se se tratassem de marcos geográficos, cuja referência está nos meridianos, universalmente aceitos. Isto prova que a orgulhosa conduta humana, em se julgando assentada nos cumes da sabedoria a enxergar lá em baixo, na planície, nas silhuetas definidas dos mapas de todas as coisas, a verdade total, é, simplesmente, uma ilusão, uma miragem ou uma tola utopia.

Nós estamos, apenas, no prefácio das possibilidades do conhecimento. Se, de uma parte, isto nos desafia, na qualidade dos mais altos representantes da escala dos inteligentes, a perquirirmos mais a Natureza; de outra, isto nos guia e força, como imperativo categórico, ao humilde reconhecimento de duas propostas irrecusáveis: primeira, a de que a ciência não é uma somatória de dados, informações e achados estanques e, absolutamente, independentes. Ao contrário, mesmo quando os achados se caracterizam por uma abordagem específica, por um objeto de modelo formal, na acepção filosófica do termo, e por um conteúdo e técnicas adequadas àquela abordagem, subsiste, neles, um tal imbricamento, uma tal interação e, por vezes, uma tal interdependência, que sua interpretação se faria bisonha, não se tivesse

em mente essa inegável dimensão; *segunda*, a de que, no exercício mais nobre do desempenho da inteligência, o homem pesquisador e cientista não pode ter se não uma atitude: convencer-se, a cada passo, de estar se aproximando da verdade, meta do mesmo processo cognitivo. Tal aproximação responde pela necessária, incansável e dedicada vocação de indagar, pois, toda a verdade não se encontra em suas mãos, qualquer que seja o aspecto em estudo.

Este é um argumento racional, histórico, factual e existencial que alimenta a motivação de investigação de toda a humanidade e da civilização, neste verdadeiro canteiro de obras que é o organismo das ciências, em suas tentativas, em todos os meridianos e culturas.

Se dizemos isto das ciências, de existência multissecular, que diremos da ciência que, entre as mais jovens, é quase a última nascida, trazendo, por isso mesmo, nos vários momentos da sua evolução, características típicas de uma etapa de crise?

E não afirmamos isto como figura de retórica, mas como fato incontestável que cria, para quantos se acercam da Psicologia, os grandes percalços e as manifestas dificuldades para o seu real desenvolvimento, desde os primórdios até os nossos dias, quando está a comemorar seu primeiro centenário.

Na verdade, sob qualquer ângulo que analisemos a Psicologia, como ciência, os problemas essenciais, inclusive o seu mesmo paradigma atual, continuam como desafios irresolvidos. É neste sentido, sem pretensão de nos fecharmos em inúteis racionalizações e sem ufanismos irrealistas, que desejamos abordar

o tema que nos foi proposto para esta conferência, isto é, *A PSICOLOGIA, AMANHÃ*.

2 - EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA

Não poderíamos versar sobre a matéria senão nu ma perspectiva global, numa visão dinâmica, onde es tejam presentes o ontem, o hoje e o futuro que, em ciência e em história, jamais seriam entendidos sem o diálogo ininterrupto da Psicologia com a realida de, em demanda de sua destinação. É aqui que, desde a pesquisa de sua definição, do seu método, até a expressão de seu conteúdo e do seu verdadeiro mode lo, a Psicologia vem, há um século, nos desafiando, sem haver recebido, até hoje, uma resposta completa, compreensiva, adequada e definitiva.

Falo como Psicólogo, como apaixonado pelo cam po científico e profissional a que me dedico e, por isso mesmo, interessado em que a minha bem-amada se ja por mim conhecida o suficiente para que eu evite, sempre que possível, as distorções de um casamento sem êxito e as durezas de um divórcio frustrante.

Quando a Psicologia nasce, com aspirações a fô ros de ciência à parte, ela adotou uma WELTANSCHAUNG, uma particular forma de visão do mundo, identificada como CI ÊNCIA; ela encontrou um corpo de conhecimentos e de fatos estruturados, um modelo onde conceitos, mêto dos, técnicas, teorias e assertos defendidos consu banciavam o hábito mental de quantos já perquiri am fatos, estabeleciam a exploração sistemática do mundo e descobriam muitos segredos do universo. Era o seio fecundo das Ciências Físicas ou Naturais, quais: Astronomia, Física, Química, Biologia, Fisiologia.

Seu primeiro berço, entretanto, onde foi fecundada e de onde nasceu hígida, foi a Filosofia. Aliás, neste seio, deitaram raízes de existência todos os saberes, em seus primeiros momentos, vez que a realidade de que se orgulha a cultura humana originase de uma reflexão que, voltada, depois, para a realidade objetal, relacional e constatável viria utilizar, pela dimensão da experiência, modelos novos como nova ciência, após cortadas as amarras do cordão umbilical com a mãe geradora e se afirmar com as singularidades, as teleologias, a metodologia e os conteúdos característicos. No primeiro homem que refletiu, que indagou está o primeiro Psicólogo.

É óbvio, não se tratava da nossa Psicologia, como é evidente não deixava de ser Psicologia. Naquele primeiro momento de História, nascia um modelo, o especulativo, depois abandonado pelos imperativos do ZEITGEIST, do espírito de cada época das posteriores transformações. Mas, ali estava a raiz primeira, a causa eficiente do que viria a ser, bem mais tarde, alguns milênios depois, o início de uma ciência de que somos os cultores.

Crescida, dest'arte, no âmbito das tradições culturais, transmitidas de geração em geração, a nossa ciência tem seus caracteres primeiros radicados na sistematização das concepções filosóficas, de que continuaria a ser parte integrante, até que, com a emancipação de outras ciências, reclamou e conseguiu o direito a existir independentemente.

A Psicologia assistiu, assim, a toda a gestação do pensamento humano, em todas as épocas e culturas. Caminhou as terras da China e da Índia, onde as sombras do Himalaia conservam a maior parte das tradições. *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

ções não registradas pela História. Seu florescimento, todavia, se haveria de fazer lá onde a genialidade do pensamento e dialética humanas alcançaram, no passado, seu clímax de poder e criatividade. Partindo dos JÔNIOS, século VI a.C., aos Pitagóricos, de HERÁCLITO aos Eleatas, de EMPÉDOCLES e DEMÓSTENES a ANAXÁGORAS, que buscavam o princípio unitário do Universo, chegaria, através dos Sofistas, aos expoentes máximos do gênio grego: SÓCRATES, PLATÃO e ARISTÓTELES, por cuja maestria gnosiológica haveria de receber suas formulações estruturais e as definitivas expressões especulativas. Nesta fonte, vieram beber, por negação ou reinterpretação, mas sempre com contribuições que fariam, a pouco e pouco, crescer a ossatura do futuro embasamento psicológico, doutrinário e metodológico, a Filosofia Medieval e a bandeira da Revolução decisiva, na história das ciências e do pensamento, empunhada por GALILEU e continuada por DESCARTES e LEIBNIZ.

Natural desdobramento dos pressupostos aristotélicos e platônicos, já dentro dos princípios subvertedores da tradição, pregados por CARTÉSIO, teve a Psicologia racional, como conseqüências, o Empirismo inglês, representado condignamente, no século XVII, por JOHN LOCKE, e suas expressões típicas seqüenciais: o Sensismo de BERKLEY, HUME e HARTLEY, entre outros; e o Associacionismo de ALEXANDRE BAIN e HERBERT SPENCER.

O zigoto cultural, engendrado no seio vasto da mãe Filosofia, começa a mostrar os iniciais movimentos de vida, nos albores do 1700, quando CHRISTIANO WOLFF cria a sua famosa distinção entre Psicologia Empírica e Psicologia Racional, atribuindo àquela o domínio da *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

sensação e a esta o campo da inteligência, regulados ambos por uma harmonia pré-estabelecida.

Esta distinção foi, acerbamente, combatida por KANT que a julgava uma confusão, uma inútil e descaída confusão de campos heterogêneos. HERBART a defenderia, em seu trabalho de 1825, que tinha por título: A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA BASEADA NA EXPERIÊNCIA, NA METAFÍSICA E NA MATEMÁTICA, não obstante cair no paradoxo da negação da aplicabilidade do experimento e no ceticismo quanto à importância da Fisiologia. Seu discípulo, HERMANN LOTZE, publicaria, em 1852, um trabalho, cujo título prenuncia, ad litteram, uma pesquisa experimental de GUILHERME WUNDT: PSICOLOGIA MÉDICA OU FISIOLOGIA DA ALMA, cuja primeira parte traz o título: Conceitos Fundamentais da PSICOLOGIA FISIOLÓGICA (título da obra de WUNDT).

Estava a Psicologia dando os primeiros pontos do vestido com que haveria de debutar, como científica. Estamos em pleno século XIX. O século anterior assistira ao imponente desfile das conquistas da Fisiologia, que impusera novas dimensões ao estudo de muitos problemas filosóficos. Mas, é durante o 1800, que os formidáveis progressos das técnicas e ciências de pesquisa fizeram-na superar as intuições geniais, as excelentes boas-vontades, e avocar-se as características seguras da experimentação. Nasceram, desta forma, a Lei de BELL e MAGENDIE sobre a Função Diversa das Raízes Anteriores e Posteriores dos Nervos Espinhais; o Reflexo Nervoso de MARSHALL HALL; a Energia Específica dos Nervos de JOHANNES MUELLER; os Estudos Frenológicos de GALL e SPURZHEIM; as Localizações Cerebrais de LUIZ ROLANDO e PIERRE BROCA. Estes resultados se seguiriam a dois eventos que haveriam

Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

de abrir, mais tarde, picadas para evoluções ulteriores, dentro da nova ciência, aumentando seu erário de fatos e rasgando caminhos a novas perspectivas e pesquisas enriquecedoras: o Hipnotismo, desde a formulação de ANTONIO MESMER até à definição de JAMES BRAID, ao lado da célebre descoberta de BESSEL: a Equação Pessoal.

2.1 - Importância de Wundt

Andava a largos passos a experimentação, nas ciências da Natureza, e, pela mão, começavam a conduzir a Psicologia, em seu engatinhar, o anatomista ERNESTO HENRIQUE WEBER, com seus estudos de Discriminação de Pesos; GUSTAVO FECHNER, com sua descoberta, ao lado de WEBER, do Limiar Diferencial de Sensação; HERMANO VON HELMHOLTZ, com seus estudos de Fisiologia dos Órgãos dos Sentidos, quando entra em cena GUILHERME MAXIMILIANO WUNDT, filho de Neckerau, pequena cidade perto de Mannheim.

Deixando de lado todas as argumentações que pudeessem minimizar o valor da obra de WUNDT, não poderíamos não reconhecer, com a maioria dos historiadores, (BORING, MURPHY, HEIDBREder, entre outros), que a razão através da qual a Psicologia, nos seus inícios, tomou forma, definição e abordagem, depende da enorme influência do poder e ascendência de WUNDT sobre seus contemporâneos. WUNDT foi, inegavelmente, uma instituição e, na expressão de HEIDBREder, inclinava-se para o patriarcado, reservando-se o direito de falar com autoridade e de traçar uma linha de demarcação entre Psicologia e não-Psicologia.

Se olharmos as marcas que WUNDT imprimiu em seus alunos, mesmo quando, mais tarde, se tenham desenvolvido sozinhos, teremos a dimensão verdadeira de *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

quanto o mestre lhes modelou o caminho e as idéias.

Não cabe, aqui nem agora, falarmos do trabalho e sistema de WUNDT, de suas idéias e conquistas, no campo da incipiente Psicologia Científica. Mas, bastem lembradas as suas 53.000 páginas escritas, verdadeira enciclopédia, para que tenhamos a dimensão do ciclópico trabalho, realizado pelo Pai da Psicologia Experimental; baste lembrado o Instituto de Psicologia Experimental que incorporou à Universidade, com administração autônoma; bastem lembrados os nomes dos homens eminentes que se formaram com o mestre, em Psicologia: KRAEPELIN; LEHMANN, KULPE, MELMANN, CATTELL, STANLEY HALL, TITCHENER, WARREN, STRATTON e outros; baste lembrada a revista do Novo Instituto: a PHILOSOPHISCHE STUDIEN, que, em 1903, toma o nome de ARCHIV FÜR DIE GESAMTE PSYCHOLOGIE, que viveu até à última guerra; bastem lembrados os descobrimentos, verdadeiramente insopitáveis, da Psicologia, diante dos interesses despertados pelos trabalhos wundtianos, e os extraordinários assertos com que se patenteou, na época, sobretudo na própria Alemanha e nos Estados Unidos, para onde emigraram os alunos de WUNDT, para termos a ótica verdadeira do que significou WUNDT para a Psicologia e para o mundo da pesquisa experimental, neste campo.

Essa magnífica eflorescência da ciência, que neste ano aniversaria, beneficia-se também, com o trabalho de exceção de outros muitos estudiosos, independentes, na maioria, da tradição wundtiana que, na galeria dos homens ilustres da Psicologia Científica, devem ser celebrados por quanto produziram no recesso silencioso de suas criações. Não podemos deixar de citar os trabalhos sobre a Psicologia da *Vi* *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

são e da Memória do mestre JORGE ELIAS MUELLER que, na Escola de Göttingen teve como contemporâneos e dirigidos: SCHUMANN, ASH, RUPP, KATZ, JAENSCH, RUBIN, KROCH, McDOUGALL, GAMBLE, RÉVÉZ; os trabalhos do mestre HERMANN EBBINGHAUS e suas Provas de Memória; os trabalhos de FRANZ BRENTANO sobre os Atos e os Conteúdos; a obra de OSVALDO KULPE, na célebre Universidade de Würzburg, estudando o Pensamento sem Imagem; os trabalhos da Escola da GESTALTQUALITÄT, da Qualidade da Forma, que teve em CHRISTIANO VON EHRENFELS seu máximo expoente.

3 - A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA, HOJE

Estava assentada em sólidos alicerces, (ao menos parecia), a Ciência Psicológica, com face nova, uma ciência nova e independente. Por todas as partes brotavam laboratórios. Por todas as partes, o ensino oficial aceitava as novas contribuições do novo ramo do saber. Por todas as partes, surgiram novos cultores. Mas, ao lado das inegáveis conquitas que, no começo do nosso século, já formavam respeitabilíssimo acervo de dados; ao lado dos entusiasmos, cada dia, emergentes; ao lado dos interesses, mais e mais, consagradores das novas orientações dos estudos e das pesquisas, não tardou a aparecer o CALCANHAR DE AQUILES que a Psicologia trazia exposto, desde os seus primeiros passos. Para mostrá-lo, vamos citar um dos textos do próprio WUNDT:

"A importância que a experimentação terá, eventualmente, em Psicologia mal pode ser visualizada, neste momento. É certo que temos muitos começos valiosos, no campo das investigações, em Psicologia. Mas, em termos de uma ciência coerente, a Psicologia Experimental espera, ainda,

por suas fundações. Esses começos relacionam-se, predominantemente, às áreas fronteiriças onde a Psicologia e a Fisiologia se tocam, na área da sensação e percepção. Tem-se, freqüentemente, afirmado que a área da sensação e percepção é a única na qual a aplicação do método experimental permanece com possibilidade, pois, essa é exatamente a área em que os fatores fisiológicos sempre desempenham um papel, ao passo que - se gundo essa visão - não tem sentido tentar penetrar o realismo das atividades psíquicas mais elevadas, através de métodos experimentais. Isso é, certamente, um preconceito. Desde que o psiquismo seja visto como um fenômeno natural, e a Psicologia como UMA CIÊNCIA NATURAL, os métodos experimentais devem ser totalmente aplicáveis a essa ciência".¹

WUNDT asservera, portanto, que a Psicologia é uma CIÊNCIA NATURAL. E, depois dele, nomes famosos pisaram as suas pegadas: WILLIAM JAMES, em seus "Princípios", de 1890, CATTELL, ANGELL, MUNSTERBERG, TITCHENER, KING, WATSON, WEIS, KANTOR, WARREN, CARMICHAEL, MUSE, KIMBLE, MILLER, SKINNER.

Apressada por se libertar da Filosofia, e não possuindo ainda elementos suficientes para uma diferenciação real e objetiva, segura e definitiva, forte e estável, a fim de emergir, intocada, entre as ciências de experiência, preferiu a Psicologia a liberdade à perfeição estrutural. Preferiu a liberdade, através da convivência entre as ciências experimentais, ao seu instrumental especificador. Preferiu a independência, mesmo tomando de empréstimo as práticas e os métodos de outras ciências, a ficar nas *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

seáras da especulação metafísica. Assume, dest'arte, um modelo científico tomado de empréstimo de outros.

Vestida, assim, com as roupas e os modelos do ZEITGEIST, a Psicologia se acreditou pronta para uma tarefa, cuja magnitude só o tempo delimitaria, mos trando-a, cada dia, mais ciclópica e macrocômica. Não raro, a Psicologia se manifestou cansada, quando não desiludida diante dos seus resultados frente à rea lidade que se propôs como objetivo a pesquisar e do minar: O COMPORTAMENTO.

Na verdade, enquanto as ciências que ela tenta imitar podem ir, diretamente, aos problemas, sem dis cussões estêreis e sem polêmicas descabidas, a Psi cologia, ao tentar conservar, por imitação, seu status científico, não o consegue. Enquanto as ciências, cu jas pegadas a Psicologia endossa e acompanha, têm, em seu significado, uma univocidade, a Psicologia não nos mostra uma relação unívoca. É o próprio BO RING quem o diz, em sua obra A HISTORY OF EXPERIMEN TAL PSYCHOLOGY: "... mesmo hoje, os Psicólogos não deixaram de estar preocupados com a natureza cientí fica da Psicologia".

Em termos metodológicos, ela só pode escolher en tre as Ciências Naturais, a que aderiu, e a Filoso fia, à qual não quer retornar, percebendo, entretan to, que nunca poderá utilizar o rigor dos padrões es tabelecidos por aquelas ciências. Esta inadequação se faz ainda mais acentuada, quando se trata da abor dagem, pois, aqui a Psicologia, muitas vezes, permane ce atenta a elementos pouco significativos e se diz incapaz de atingir outros dados de alta significati vidade, no comportamento.

Perguntamos, então, qual a especificidade da Psicologia, como ciência independente, se a especificidade que ela apresenta continua a render juros e correção monetária para os seus emprestadores? Qual o modelo da Psicologia, como ciência, se o modelo a que ela se conforma é o das Ciências Naturais, entre as quais ela se alinha? Qual o objetivo a que ela mira, se, na busca e pesquisa dos seus dados finais, apenas uma parte, e nem sempre a mais significativa, no comportamento, é aquela a que a Psicologia tem destinado todos os seus esforços, todos os seus comprometimentos. Ora, a fabricação da ciência é uma atividade humana. Onde está o homem relação com? Onde está o homem pessoa? Onde está o homem em interação, e não apenas o homem diante de, o homem objeto de?

O trabalho da Psicologia, hoje e no futuro, não pode ser o de "mero acréscimo em o nosso estoque de informação factual".² Sua transformação não poderá ser tão só metodológica, compatibilizada com a visão do mundo esposada pela ciência atual, vez que esta visão é apenas uma função que não esgota a ciência; mas, deve a Psicologia possuir uma nova abordagem que esgote o seu objeto de estudo, que é o homem na sua totalidade pessoal.

Que derivou dessa pressurosa busca de escudamento da Psicologia, sob a proteção das Ciências Naturais?

Em primeiro lugar, passou ela a padecer de verdadeira fobia da especulação, como se a especulação fosse o inimigo número um de sua independência. Como se a especulação não fosse uma presença ineliminável no mesmo homem que ela estuda. Como se a especulação não estivesse presente em cada momento da ação

Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

do homem que pesquisa, perquire, conclui, escolhe, matematiza, define. Como se a especulação não fosse o ar que ela respira. Não possuindo, todavia, instrumentos para medir suas manifestações, o caminho melhor, mais fácil e mais cômodo, seria chamá-la de pseudo-científica. Ao contrariar toda e qualquer posição filosófica, não percebia a Psicologia que já estava criando e assumindo uma posição filosófica. Perdeu, desta forma, um excelente instrumento complementar de sua realidade fenomenológica, que a poderia desembaraçar muito de várias de suas incompetências e, nem por isso, ser chamada de Filosofia, pois, jamais a Psicologia, como ciência, poderia se dar ao luxo de buscar o homem, com a intenção de analisá-lo, através das suas causas últimas, de encontrar seu substrato substancial, de apanhar sua essência, competência exclusiva da Filosofia e desnecessária, de todo, à Psicologia.

Em segundo lugar, engendrou-se um estado de incerteza, quando não de ceticismo, quanto à natureza da Ciência Psicológica, a ponto de não poucos estudiosos a acreditarem não uma ciência única, mas várias ciências. É o caso de FERNBERGER que a propõe como duas ciências distintas e independentes; uma, que tomaria o nome de "ciência do comportamento"; outra, que seria batizada como "ciência da consciência", ambas experimentais. Não faltou quem fosse mais além, multiplicando a Psicologia em três ciências, qual o caso de WOLMAN. (1968)

As tentativas de unificação de MESSER (BORING, 1950), de CALKINS, de HEIDBREder aportaram, apenas, a uma conclusão: a Psicologia é uma ciência complexa, cuja classificação não é fácil de se levar a *ter Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979*

mo.

Em terceiro lugar, criou-se uma tal atmosfera de medo à contaminação e poluição filosóficas de modo que as escolas que se vieram formando, vigorosas, no regaço da nova ciência, estiveram sempre em belicosa oposição e contraste, embora não possamos negar, com EDNA HEIDBREDER³, semelhanças subjacentes, entre suas diferenças, vez que todas estão norteadas ao mesmo tipo de fatos. Concordâncias existem, mesmo que pareça paradoxal, entre behavioristas e gestaltistas, qual o exemplo de WATSON e McDOUGALL. Concordâncias existem até no salebroso problema Mente-Corpo e na própria definição de Psicologia. Persistem, no entanto, dissensões múltiplas metodológicas, teleológicas e interpretativas, facilmente detectadas, embora acreditemos que não venham a durar muito, a partir do momento em que se imponha o amadurecimento da Psicologia, como ciência, assimilando o melhor de cada uma dessas instituições científicas. Isso se fará realidade quando, para citar WOODWORTH (1931), se chegar a definir Psicologia de modo, suficientemente, amplo a ponto de compreender as descobertas e os assertos positivos de todas as Escolas.

Em quarto lugar, a ausência de premissas filosóficas, claramente formuladas, não ofereceu à Psicologia uma estrutura sistemática de conceitos básicos, como o diz KOCKELMENS (1966). Não carece, por isso, de objetividade, a posição de SARTRE ao insistir que a desordem, na Psicologia, deriva dos seus próprios princípios. Ou, como GIORGI (1978): deriva da sua confusão conceptual, o que equivale a dizer, da ausência de marco de referência quanto à sua de

Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

finição, ao seu objeto de estudo, ao ponto de vista adotado em relação a ele.

"O GALILEU e o LAVOISIER da Psicologia serão, na verdade, homens famosos, quando vierem... Enquanto isso, a melhor forma de facilitar a sua vinda é compreendermos quão grande é a escuridão na qual tateamos, e nunca esquecer que os pressupostos da ciência natural, com os quais começamos, são coisas provisórias e sujeitas a revisão", é a conclusão de WILLIAM JAMES.⁴ Ou, ainda, como assevera GIORGI: "... ela (a Psicologia) nunca conseguiu, completamente, um estudo crítico e reflexivo do que precisava, em termos de metodologia, para torna-se uma ciência."⁵

Em quinto lugar, não são poucas, nem sem fundamentos pertinentes, as críticas assacadas contra a nossa ciência, ante o estabelecimento de consangüineidade com as Ciências Naturais. Critica-se a imitação rígida daquelas ciências. Critica-se a carencia de senso de direção da Psicologia, que não possui métodos novos para os novos problemas que deve estudar. Critica-se a ausência de real unidade, nesta ciência, a ponto de SANFORD referir-se a uma FRAGMENTAÇÃO da Psicologia. A Psicologia, como ciência, tem, na verdade, crecido em termos de profundidade dos seus problemas abordados e resolvidos, ou tem assistido, apenas, à proliferação desses desafios? Seu estado é de inchação ou de desenvolvimento, como ciência? A isto a Psicologia tem que responder, no futuro. Critica-se a falta de investigação de fenômenos significativos, levada a termo de forma significativa. É o próprio ALLPORT (1947) quem sugere que a Psicologia deve ampliar seus horizontes, a ponto *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

de apanhar mais problemas relevantes. Critica-se a pobreza da Psicologia por não possuir métodos holísticos, a ponto de McLEOD (1965) expressar-se, com certa contundência, quando afirma que a nossa ciência deixou-se bloquear por pequenos métodos, adequados, apenas, a problemas triviais. Critica-se o fato de a Psicologia ter deixado de lado a evolução do homem, como escreve ainda ALLPORT (1955); ou o fato de sua inadequação ao homem, como assevera KOCH, esquecendo os mesmos defensores de um tipo particular de Psicologia que são eles próprios os representantes da verdadeira ciência, junto à Psicologia, como lamenta SANFORD (1965). Critica-se o afastamento da Psicologia da vida cotidiana, em termos de carência de um real diálogo com ela, vez que a Psicologia estabelece uma rua de mão única, impondo-se à vida cotidiana e não sendo receptiva à vida.

Com os pressupostos das Ciências a cujo partido e legenda aderiu, a Psicologia não deixa, nos nosos dias, de receber ou favorecer críticas até mesmo de setores políticos, partidários ou sectários, que falam de sua dispersão e de sua tendência a se transformar em arma de pressão e ditadura. É o caso do trabalho de esquerda de CARLOS L. SASTRE: LA PSICOLOGIA, RED IDEOLÓGICA, e de todas as reações das oposições aos sistemas políticos, tão a gosto dos movimentos de massa dos dias que correm.

A resposta a tais críticas não pode ser emocional, defensiva ou unilateral, que, para além de se transformar em verdadeiro sistema fechado, arrisque-se, quase sempre, a corporificar mais uma posição filosófica irreduzível que uma defesa objetiva, clara, serena, como convém à postura de uma ciência.

Não negamos o sucesso da Psicologia, como ciência, no mundo e neste final de século. Numa análise, entretanto, descompromissada, ao apagar das luzes das comemorações do primeiro centenário da Psicologia, não podemos deixar de questionar, em função da evolução da mesma ciência, as razões e os critérios desse sucesso, que acreditamos parcial. Pertence ele à Psicologia ou às ciências mais antigas que ela, em cujo seio se integrou?

Não estamos a negar o valor da Psicologia, como ciência independente. Ao contrário. Lutamos ao seu lado, sem nunca ensarilhar armas. Alinhamo-nos com ela e ao seu lado, de tal maneira identificados e coesos, que a queremos mais ela, mais distinta, mais segura, mais livre, mais identificada consigo mesma e totalmente independente.

4 - A PSICOLOGIA, COMO CIÊNCIA, AMANHÃ

Por estas razões, perguntamos, a esta altura: como será a Psicologia, amanhã?

Não possuímos bola de cristal nem cartas sapienciais. Fundamentados, porém, nos comportamentos em que se houve a Psicologia, como ciência, podemos divisar, em meio às sombras que ainda a envolvem, as luzes, as perspectivas, as propostas e possibilidades, para o novo centenário que ela estará, dentro de alguns dias, prefaciando:

- A Psicologia, no futuro, ao examinar, cientificamente, toda a verdade da experiência e do comportamento humanos, assumirá uma concepção diferente e mais compreensiva, abraçando o fenômeno do homem, como pessoa, e a prática da ciência, com aspectos mais diferenciais. Esta a razão que a levará à

investigação dos fenômenos, especificamente humanos, mesmo permanecendo com as perquirições tradicionais, deixando de parte querelas fisiológicas, filosóficas e metodológicas, que a nada levam.

- Com sua natureza revolucionária, a Psicologia não precisará, no futuro, obstinar-se contra o STATU QUO criado pela Filosofia, mas lutará contra seu estado atual de dependência das Ciências Naturais, embora aproveitando o vasto material acumulado, em sua experiência de convivência com elas.

- Amanhã, a Psicologia deixará de estocar informações factuais, e passará a questionar não só factos e métodos, como também sua própria abordagem, tornando-a mais ampla e, por isso mesmo, mais rica e eficiente.

- Com todo o respeito à personalidade e obra de WUNDT, temos certeza de que, amanhã, a Psicologia seguirá mais os pressupostos da Escola de FRANZ BRENTANO, do que a do fundador da Psicologia Experimental. Já não se falará de oposição entre ATO e CONTEUDO; já não se discutirá sobre dado TANGÍVEL e INTANGÍVEL, mas se haverá de perscrutar, na realidade total do homem, o objeto completo de análise, estudo, pesquisa, mensuração, interpretação.

- A Psicologia, amanhã, não se poderá furtar a uma atitude que implique numa filosofia do homem e do mundo, a menos que opte por permanecer na periferia da realidade. E o próprio Profissional de Psicologia, em suas análises intencionais, não deixará de ser responsável pelos novos roteiros a serem palilhados pela nossa ciência. "Eu não subestimo o valor do conhecimento e da pesquisa fisiológica, diz

McDOUGALL. Afirmo, contudo, que, no presente estado da ciência, não é proveitoso substituir a mente pe lo cérebro. Fazer isso limita, injustificadamente, a nossa liberdade de pensamento. Amarra-nos a um tipo de explicação. Leva-nos a conseqüências absurdas e, pior que tudo, cega-nos para os fatos da observação e distorce a nossa interpretação de outros fatos".⁶

- Amanhã, a Psicologia terá definição, sufici entemente ampla, de forma a apanhar e unificar as contribuições das Escolas atuais e de quantas vie rem a surgir.

- Ao assumir, amanhã, o seu modelo especificador, como ciência independente, sem precisar usar as roupagens características de outras ciências, a Psicologia científica definirá melhor e mais exaus tivamente seu objeto de estudo e, por conseqüência, se imporá um modelo científico que não precise es tar a disputar a posição dominante desta ou daquela Escola.

- A Psicologia, amanhã, não temerá, numa nova, significativa e típica abordagem, as atuais posições que se consubstanciam nas barreiras rígidas do FAZER e do ESPECULAR, do MENSURAR e do PENSAR, mas, ao se identificar como ciência sem compromisso, saberá es tabelecer, sem trair a objetividade do processo ci entífico, um equilíbrio entre esses vários comporta mentos. Terá, então, conquistado, em definitivo, um estilo próprio, uma abordagem inconfundível. Não ha verá mais a preocupação, dentro do caminho da matu ridade científica, de enfrentar os inúteis desforços entre ciências de análise e ciências de síntese.

- A Psicologia, no futuro, explorará, descobri

rã e articulará a própria unidade, procurando os meios para tal cometimento, mesmo que, hoje, não desconhecamos as implicações metapsicológicas dessa empreitada.

- A Psicologia passará a ver, com interesse e dedicação, não só o fenômeno mensurável, na atual dimensão de suas preocupações tradicionais, como também os fenômenos vividos e experimentados pelo sujeito. Não se interessará só com o homem natural, mas se orientará para o homem pessoa. Não temerá, estudar, como científicos, só os dados, propostos, metodologicamente, pelas ciências naturais, mas abordará a atitude humana, como realidade, descompromissadamente, objetiva. Terá, dest'arte, a Psicologia seus métodos e sua objetividade, de referência distinta, sem a necessidade de uma referência, que a deixa, não raro, amarrada de mãos e pés diante de fatos que, não possuindo condição de aferir, assume a atitude da avestruz, negando-os, simplesmente, como pré-científicos. A Psicologia não manipulará tais resistências, pois, assumirá atitude crítica em relação aos fenômenos que interessam à sua investigação metódica e sistemática, inclusive os que se referem ao homem-pessoa, à sua introspecção, à sua consciência, à face interna da sua personalidade.

- Reconhecerá, todavia, que sendo um tipo de ciência diferente, precisará entender esses fatos novos não sob o crivo das ciências naturais, que não os alcançam, mas com a precisão e a objetividade que ela procurará criar para tais fatos significativos. Isto implicará em que a Psicologia construa um paradigma mais adequado e mais atualizado, cujas raízes sejam fincadas num marco de referência que não seja outro que a própria Psicologia.

Como ciência, é evidente, a Psicologia não verá, jamais, pacificados os seus campos de atividade. De fato, não faltarão contravérsias em seu seio, pois, são elas símbolo de vitalidade e de evolução. No dia em que as contravérsias cessassem, a Psicologia se tornaria uma ciência valetudinária. As contravérsias devem ter seguimento, pois, delas dependerá, na necessária dialética de que vive uma ciência, a imensa perspectiva do horizonte que ela dominará e cujos limites, dia a dia, se ampliam. Mudará, entre tanto, o sentido dessas contravérsias.

Problemas profundos continuarão a amadurecer no subsolo das grandes polêmicas sobre o homem, a vida, a personalidade, o ajustamento, a mensuração, o comportamento. Mas, em meio a todo esse processo, a Psicologia se portará como ciência independente, no modelo e paradigma de abordagem de todos os problemas que lhe competem e os Psicólogos terão um papel atuante na construção do esquema de referência, dentro do qual, trabalharão a realidade complexa a que se quis destinar a ciência, hoje, centenária. De tal forma se abrirá a Psicologia à realidade fenomenológica que poderá absorver também campos tão discutidos, hoje, quais os dos processos transpessoais e das dimensões parapsicológicas.

Não nos podemos acastelar na posição improvável de que os estatutos aristotélicos encerram a totalidade do saber. O saber, em seu devir, perderá muitas das suas pretensões definitivas e propiciará a abertura de impensados e novos caminhos, amanhã.

Não esqueçamos quanto afirmou o velho SHAKESPEARE, neste momento, mais atual que nunca: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

filosofia". E vale citado, para o caso da Psicologia como Ciência, quanto diz a sabedoria popular francesa: "A quelque chose malheur est bon".

5 - A PSICOLOGIA, COMO PROFISSÃO, HOJE

Se, na análise da Psicologia, como ciência, tanto tivemos a reivindicar e a criticar, na antevisão de profundas modificações, o estudo da Psicologia, como profissão, nos oferece muito de que nos orgulhar e nos honrar, nos feitos do presente e na perspectiva, extremamente, alviçareiras que se abrem, para o amanhã, nos campos mais diversificados da sua aplicação.

Nesta dimensão, a Psicologia se vem adaptando, extraordinariamente, às necessidades dos tempos e à evolução rápida da nossa sociedade.

Estradas novas, dia a dia, se inauguram para os homens, diante dos milagres, nem sempre humanizantes, da Tecnologia. O homem e os grupamentos sociais sofrem de profundas modificações, que lhes atingem a cognição, os sentimentos, a consciência, os valores, as expectativas, a produção, o ajustamento e a saúde mental. No pragmatismo das suas relações, mudanças estruturais se impõem, constantemente. Na expressão da sua vida, surgem vertiginosos feitos, que vão, desde o encurtamento do espaço ao anulamento do tempo, desde os artefatos comerciais às descobertas energéticas, desde as máquinas de pensar à comunicação, que põe todos os povos como vizinhos do lado.

O homem já tem diante dos olhos uma fisiologia que disputa a ação de sua própria fisiologia: A FISILOGIA DA MÁQUINA E DO AÇO. Com ela, seus braços

se estendem a tal ponto que alcançam os mundos siderais. Suas mãos tocam as areias do universo incomensurável. Seus ouvidos podem escutar, na fonte, as harmonias cósmicas. Seus olhos fotografam os modelos galácticos. Suas fantasias, de outrora, se fazem realidade, entre as atrações e repulsas dos mundos extra-terra. Nunca o homem se deparou com mundos tão esboçados e tão cheios de histórias comprovadas de fadas, quanto o que lhe propõe a revolução tecnológica. Em consequência, o ambiente social, complexa realidade em que, desde o nascimento, o indivíduo é, imediatamente, inserido, de maneira inevitável e como unidade funcional, inseparável e contínua, mudou. Mudou como sistema, como "campo de forças" Na bipolaridade Eu - Ambiente, tudo passa a receber novos condicionamentos de influências, sobretudo sociais.

Essas mudanças imperativas se processam, tanto no aspecto estrutural: estrutura da sociedade em que o indivíduo vive; quanto no cultural: patrimônio de idéias, conhecimentos, atitudes, sentimentos, valores e normas morais.

Transformaram-se, deste modo, as redes de influências, comunicações e intercâmbios, idéias, valores interiorizados, sob a pressão de todo um "novo sistema sócio-cultural", a que a Psicologia vem dando atendimento, com magníficos resultados e perspectivas.

Opera-se, nos nossos dias, em todas as partes, a passagem de uma economia rural e artesanal para uma economia industrial e automatizada. Sai-se de uma estrutura político-social estática, baseada na clara distinção de classe e paternalista, para uma sociedade dinâmica, norteadas por uma concepção democrática do Estado e das relações sociais. Abandona-se uma *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

civilização rural por uma civilização industrial e urbana. A prevalência das atividades primárias é substituída pela prevalência das atividades secundárias e terciárias. Abandona-se o predomínio dos valores emotivos e familiares e assume-se o predomínio dos valores racionais e funcionais. ASSISTIMOS À EMERGÊNCIA DE UMA NOVA CULTURA. .

A transferência estrutural evidencia um fato profundamente vinculado ao processo tecnológico que impõe a automatização das técnicas produtivas e a organização funcional das empresas: É A EXPRESSÃO DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM SENTIDO VERTICAL.

Novas funções e especialidades, sobretudo, nos níveis superior e intermediário, enriquecem a hierarquia produtiva. Ampliam-se os quadros dirigentes e intermediários, em importância e consistência. Sente-se, cada dia mais, a necessidade de técnicos. Organiza-se, nos vários setores econômicos, o trabalho que se impõe por uma mecanização, coordenação e automatização mais racional. Fazem-se necessários técnicos e especialistas de sistemas mecanográficos e complexos automáticos. O mercado carece de trabalho de especialistas em coordenação, organização e distribuição de atividades. Desde a dimensão escolar às dimensões moral e cultural, tudo está, hoje, no bojo das transformações, forçando, cada dia mais, a MOBILIDADE SOCIAL. Reduz-se o pessoal não qualificado e prepara-se uma extraordinária e rápida transformação qualitativa, na estrutura econômica e profissional, em função da transformação cultural e social, também rápida e profunda. E a Psicologia, como profissão, está atenta a toda essa evolução e a todas as suas exigências.

O fato de não estarmos habituados a uma reflexão sistemática sobre quanto vemos e vivemos, impede-nos de ponderar o que ocorre no nosso sistema social, como efeito macrocômico do desenvolvimento humano. Alguns fenômenos sociais gerais e a situação de alguns ambientes sociais fundamentais (família, escola, meios de comunicação de massa e meios de comunicação educativa) ilustram, sobejamente, as transformações culturais da nossa realidade.

O êxodo da população agrícola para as áreas industriais e para os serviços; a saída do ambiente rural para o urbano determinam verdadeira revolução cultural, valores e mentalidade. Constata-se um DESSENRAIZAMENTO SOCIAL E ESPIRITUAL, em um contingente significativo de indivíduos e suas famílias. Dissolvem-se as redes de parentesco e vizinhança, encontrando-se as famílias, que emigram, isoladas do seu mundo e inseridas num ambiente, onde a interação humana se esvazia em relações não-emotivas, racionais e funcionais. Os símbolos tradicionais e os valores tendem a desaparecer, formando-se, em seu lugar, um VAZIO CULTURAL.

Novos valores de natureza material, assimilados, artificialmente e exteriormente, substituem os valores religiosos, morais, sociais e afetivos, que configuram o quadro cultural de âmbito restrito da vida do campo. A nova situação industrial e urbana oferece ao novo emigrado uma nova dimensão de vida: divertimento, bem-estar, comodidade, prazer. Fatores que facilitem a realização mais livre da pessoa, sua expansão social, sua participação mais ampla da vida civil e política não surgem, nos ângulos da sua visão. A floresta de antenas de televisão dos quar

Universitas, Salvador, (26):163-198, jul./set. 1979

teirões pobres das nossas cidades grandes são o maior testemunho desse fato. E a Psicologia, como profissão, não está alheia a esses fatos.

O ESVAZIAMENTO CULTURAL E A MATERIALIZAÇÃO da vida não atingem só a quantos deixam o campo pela cidade, são conseqüências globais da nossa sociedade em transição. Uma rápida transformação sócio-econômica, que se faz necessária, depende da modificação das atitudes e dos comportamentos individuais. A mentalidade tradicional não tem conseguido resistir ao impacto da cidade e da fábrica. Penetramos, social e culturalmente, também no amanhã. Esta é a razão porque os "técnicos da mudança social" falam de uma "modernização de valores culturais e das motivações de comportamento" e procuram apontar as perspectivas de tal modernização.

Na nossa civilização técnica, a PROLETARIZAÇÃO PARA O ALTO se impõe, como fato característico das nossas transformações culturais. Surgem, assim, o NIVELAMENTO DOS COMPORTAMENTOS, cujas bases são os modelos específicos da classe média. Homogeneizam-se, conseqüentemente, os costumes e os meios de comunicação de massa. Em função disto, expande-se a produção, quantitativa e qualitativamente, criando, através do consumo, um modelo novo de demonstração de nível social.

Da ação condicionadora da difusão dos meios de comunicação, em nivelamento, emerge um novo problema: não a possibilidade de uma difusão capilar de informação e de circulação de idéias, mas o reforço de uma difundida atitude passiva, ficando o tempo livre para ser dispendido numa verdadeira submissão aos meios de comunicação social. A ação despersiona *Universitas*, Salvador, (26): 163-190, jul./set. 1979

lizadora de tais meios acentua a passividade e a rigidez do ambiente de trabalho, e surgem vários tipos de homens: HOMENS-ORGANIZAÇÃO, HOMENS DIRIGIDOS pelos outros, conformistas e marcados pela irresponsabilidade social.

Essa evolução social a que a Psicologia presencia, a todo momento e à qual vem tentando dar resposta, na dimensão profissional, (o que muito nos envaidece), estende-se, ainda, com outras características.

A TENDÊNCIA AO PLANEJAMENTO é uma delas. O Estado já não pode deixar de intervir, mais ou menos maciçamente, na vida econômica e social e até mesmo na esfera cultural, das idéias e dos valores. Nota-se, mesmo, uma tendência do Estado a assumir o controle de todas as forças educativas e de todas as forças de influência social, mirando a delas se servir com finalidade educativa.

Da Escola, o Estado passará, necessariamente, a outros tipos de novos educadores. Há, de fato, um esforço, hoje, jamais visto no plano educacional, não obstante todos os seus vícios, e no plano assistencial, tanto pela sua amplitude, quanto pela sua capilaridade. E, a partir de agora, em todos os lugares e em todos os estratos sociais, sentiremos a presença de novos tipos de OPERADORES SOCIAIS: Psicólogos, orientadores, assistentes sociais, educadores de adultos, e, ao seu lado, os meios de comunicação de massa. Amplia-se, assim, o quadro de formadores, em parte, sob o controle do Estado.

Com o apoio do Estado e dos operadores econômicos, conscientes de sua adequação aos imperativos do

momento, os novos OPERADORES SOCIAIS, nomeadamente os Psicólogos, tentarão substituir as outras instituições educativas seja quanto à comunicação de conhecimentos, seja quanto à introdução de um novo quadro de valores. E, se partirmos da pressuposição de que os entes educativos tradicionais encontram-se ligados a uma cultura superada pelo progresso técnico e sócio-econômico, os novos OPERADORES SOCIAIS não de pretender ser os únicos TÉCNICOS DE VALORES aderentes à nova situação social.

Não temos, portanto, dificuldade em elaborar perspectivas para o nosso amanhã. De fato, dentro da nossa análise, o Estado e os responsáveis pela vida econômica tenderão, cada dia mais, a centralizar e monopolizar o controle da Educação e da Formação cultural, ante as exigências da vida econômica e civil modificadas, intervindo, organizadamente, na ação dos vários tipos de operadores sociais.

A própria família, que, rapidamente, passa da estrutura patriarcal para a conjugal, sofre modificações substanciais, com resultados esperados e amplos nos comportamentos dos indivíduos. Do controle da natalidade à ruptura da solidariedade funcional entre as gerações (pais, filhos, netos); do isolamento físico e cultural do ancião ao isolamento da família operária; do trabalho da mulher às rupturas das relações com a parentela; das modificações das relações familiares propostas pela televisão até o rrilhamento dos valores tradicionais, em todas as suas dimensões, a família entra a participar do jogo das modificações sociais e axiológicas profundas.

Se acrescentarmos os problemas emergentes no trabalho, na indústria, na saúde, nos serviços, nas re *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

lações nacionais e internacionais, na sobrevivência do modelo de desenvolvimento assentado num tipo de energia quase superado, nas dificuldades sócio-econômicas, políticas e financeiras decorrentes da falência de uma industrialização alimentada, com exclusividade pelo petróleo, teremos um quadro quase completo dos problemas a que a Psicologia, como profissão, se deverá dedicar, como o tem feito, com galhardia, até o momento, não obstante os muros que ainda resistem à sua atuação.

6 - A PSICOLOGIA, COMO PROFISSÃO, AMANHÃ

Por quanto expusemos, acreditamos que:

- A ação e descobertas clínicas tenderão a evoluir, em compasso acelerado para atendimento dos múltiplos e diversificados problemas criados pelo estado de tensão e ansiedade, em curva evolutiva exponencial.

- A pesquisa científica e os serviços aplicados prometem um crescimento vegetativo e qualitativo, cada vez maior.

- Incremento significativo haverá de sofrer o trabalho específico do Psicólogo, tanto individual quanto de grupo.

- O trabalho material do Psicólogo se haverá de reduzir à medida que a automação diminuir as horas de atividade e aumentar o tempo de lazer.

- Impor-se-á, por isso, um controle maior, de natureza social, como a expressão legislativa e fiscalizadora. Não podemos deixar de lembrar que, desde agora, existem sintomas de uma ambivalência pública, em relação à Psicologia. De uma parte, há a previsão de uma maior frequência e urgência do Psicólogo no *Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

controle e influência sociais; de outra, haverá uma crescente apreensão popular em relação ao controle da personalidade humana, (real ou suposto), em termos dos meios e instrumentos que a Ciência Psicológica põe nas mãos do profissional. O Psicólogo não pode deixar de se conscientizar desses problemas factuais e éticos.

- Na pesquisa e na prática psicológicas, esperamos um aumento quantitativo e uma variabilidade do trabalho com seres humanos. A preparação do Psicólogo, na aceitação de suas responsabilidades científicas, morais e profissionais, demandará, amanhã, atenção bem maior para os problemas ético-profissionais.

- Sem considerarmos os progressos a que, ainda, assistiremos, parece claro que a atual preponderância dos professores de Psicologia e dos Psicólogos dedicados ao serviço aplicado, em relação aos pesquisadores em Psicologia, continuará a aumentar.

- Com o crescimento inegável da Psicologia e de sua contribuição social, a escolha da profissão de Psicólogo se fará mais freqüente e valorizada.

- Novos campos de atuação profissional brotarão, como decorrência das açodadas transformações sociais incoercíveis.

- Num futuro mais remoto, se houverão de abrir novas e promissoras propostas para a consolidação de uma realidade, que começa a se impôr, através de uma necessidade imperativa expressa pela interdisciplinaridade. Não persistirão os limites e as paredes divisórias entre as profissões. Chegaremos não apenas a uma convivência pacífica e compreensiva, entre os profissionais e as profissões, como assistiremos a

uma interação, a uma interdependência, a um trabalho integrado, a uma unificação organizada, a uma cooperação sem preconceitos e sem dissensões, entre as profissões.

7. CONCLUSÃO

Nesta antevisão da Psicologia, como ciência e como profissão, profissão e ciência que já não são do futuro, mas do agora, restará sempre de pé o ponto de partida e de chegada desta nobre ciência; restará sempre de pé o valor que dá sentido ao imenso esforço e à formidável gestação de um século de evolução e trabalho e que fará valer a pena tudo o que, ciência e profissão fizerem, nos séculos porvindouros: *O HOMEM, NA SUA DIGNIDADE PESSOAL, ÚNICA E INTRANSFERÍVEL.*

NOTAS

- 1 Wundt, Contributions to the theory..., p.70.
- 2 Giorgi, opus cit. p.32.
- 3 Heidbreder, Psicologias do..., p.363 seq.
- 4 James, Principles of..., p.183.
- 5 James, Psychology, p.67.
- 6 Giorgi, opus cit. p.59.
- 7 McDougall, opus cit. p.36.

SUMMARY

This work was subject of the conclusion conference of the brasilian commemorations of the FIRST SCIENTIFIC PSYCHOLOGY CENTURY, promoted by the Federal Council of Psychology, in Brasilia.

The author, who is an effective member of the Federal Council, after having traced the limits which the science grows, with its pretensions and findings, makes a resumed study of the development of Psychology, as Science, pointing out the value and importance of

Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

WILHELM WUNDT, founder of Experimental Psychology. He also considers, as he gets along, about the ways the psychological science has stepped along in search of its independence, pointing out the difficulties, almost unsurmountable that it has found until our days, to characterize its real autonomy front to the model of dependence of Natural Sciences, to which it has adhered, since its very beginnings.

To the severe critiques made by the author to the model chosen by the Psychology, in the attempt to assume the standards of independent Science, are added the advances and the evolution of Psychology, in its undeniable solid structuration, as Profession.

As Science as well as Profession, Psychology receives from the author a wide view of perspectives and possibilities, in its development tomorrow, considered the tecnic-scientific and socio-cultural transformations which our society is going through.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, G.W. *Scientific models and human morals*.
Psychological Review, 54:182-192, 1947.
- . *Becoming*. New Haven, Yale, 1955.
- BORING, E.G. *A history of experimental psychology*.
2 ed. New York, Appleton-Century-Crofts, 1950.
- CALKINS, M.W. Common ground in contemporary psychology.
In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY, 9, 1930.
Proceedings and papers. Princeton, N.J., The Psychological
Review Co., 1930. p.108-9.
- CATTELL, J. McK. Objective observation. In: ROBINSON,
E.S. & ROBINSON, F.R., ed. *Readings in general
psychology*. Chicago, The University of Chicago
Press, 1923. p.18
- FERNBERGER, S.W. Behaviorism versus introspective psychology.
In: SKINNER, C.E., ed. *Readings in psychology*. New
York, Holt, Rinehart and Winston, 1935. p.36-38.
- GIORGI, A. *A psicologia como ciência humana; uma
abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte,
Interlivros, 1978.
- HEIDBREDER, E. *Seven psychologies*. New York, The Century
Co., 1933.
- . *Psicologias do Século XX*, Editora Mestre Jou,
São Paulo, 1969.
- Universitas*, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

- JAMES, W. *Principles of Psychology*. New York, Holland Co., 1890.
- . *Psychology*, New York, World Publishing, 1892-1948.
- KANTOR, J.R. *Principles of psychology*. New York, Knopf, 1924.
- KOCH, S. Psychological sciences versus the science - humanism antinomy; intimations of a significant science of man. *American Psychologist*, 16:629-39, 1961.
- KOCKELMANS, J. *Phenomenology and physical science*. Pittsburgh, Duquesne University Press, 1966.
- McDOUGALL, W. *Outline of psychology*. New York, Scribner, 1923.
- MACLEOD, R. B. The teaching of psychology and the psychology we teach. *American Psychologist*, 20:344-352, 1965.
- MUNSTERBERG, H. *On the witness stand*. Garden City, Doubleday, 1908.
- MURPHY, G. *Historical introduction to modern psychology*. Rev. ed. New York, 1949.
- MUSE, M. B. *A textbook of psychology*. Filadelfia, Saunders, 1939.
- SANFORD, N. Will psychologists study human problem? *American Psychologist*, 20:192-202, 1965.
- SARTRE, J. P. *Sketch for a theory of the emotions*. Transl. P. Mairet. London, Methuen, 1962.
- SASTRE, C. L. *La psicología, red ideológica*. Buenos Aires, Tiempo Contemporaneo, 1974.
- WATSON, J. B. Psychology as a natural science. In: SKINNER, C.E., ed. *Readings in psychology*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1935.p.810-11.
- WEISS, A. P. Shall psychology revise its fundamental postulate? In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY, 9, 1930. *Proceedings and papers*. Princeton, N.J., The Psychological Review Co., 1930. p.478-9.
- WOLMAN, B. J. *Teoria y sistemas contemporaneos en psicología*. Barcelona, Martinez Roca, 1968.
- WOODWORTH, R. S. *Contemporary schools of psychology*. New York, Ronald, 1931.
- WUNDT, W. M. Contributions to the theory of sensory perception. In: SHIPLEY, T., ed. *Classics in psychology*. Universitas, Salvador, (26): 163-198, jul./set. 1979

- New York, Philosophical Library, 1961. p.51-78.
- . Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung. 1858-1972.
- . Vorlesungen über die Menschen und Tierseele. 1863.
- . Grundzüge der physiologischen Psychologie. 1874.
- . Grundriss der Psychologie. 1896.
- . Physiologische Psychologie, 1911.
- . A Bibliografia completa de Wundt foi elaborada por E. WUNDT, *Wilhelm Wundt Werke*. In: Abhand. d. sächsisch. Forschungsinstitut. 28, 1927.